

Harold Bloom», Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, FLUC).

Refiro ainda os trabalhos apresentados por Teresa Alves (FLUL) e Margarida Losa (FLUP) (respectivamente, «Nathanael West, Saul Bellow, John Hawkes e o Grotesco na Literatura Americana», e «The Family Dimension in *Women in Love*»).

O balanço final deste encontro deixou, penso que no geral, uma agradável consciência de se ter atingido já, globalmente, um nível desejável de diálogo intelectual, que se exprimiu no voto concreto de o alargar a outros interlocutores com a publicação, o mais brevemente possível, de todas as comunicações.

Estamos aptos, pois a esperar, com entusiasmo, que o próximo encontro, em Coimbra, (Fevereiro de 83) — para o qual se propôs o tema: «Literatura e Cultura de Massas» — reafirme esta vitalidade agora manifestada pela Associação.

*Isabel Caldeira*

#### COLÓQUIO DE ESTUDOS AMERICANOS EM PARIS

Nos dias 25 e 26 de Março passado realizou-se em Paris, na *Maison des Sciences de l'Homme*, sob o patrocínio da Universidade de Paris VIII e daquela instituição, um colóquio de Estudos Americanos subordinado ao tema «Identidade Nacional, Miscegenação e Expressões Culturais: Uma Comparação entre os Estados Unidos e o Brasil». Foi o segundo de uma série de colóquios concebidos e organizados por Viola Sachs, a americanista de origem polaca que há alguns anos vem contribuindo, de uma forma bem definida, para o desenvolvimento dos Estudos Americanos em França.

Detentora de uma formação académica de interessante trajectória (incluindo uma licenciatura em Literatura Portuguesa e Brasileira, obtida no Brasil, e um doutoramento em Literatura Americana, com uma dissertação sobre Walt Whitman, obtido na Índia), Viola Sachs, autora de controversas interpretações mito-crítico-ocultistas da Literatura e Cultura Americanas, com especial destaque para Herman Melville e *Moby Dick*, é ainda notável pela sua defesa teórico-metodológica da pesquisa interdisciplinar comparada. Assim, também para Viola Sachs, a realidade norte-americana, que é o seu objecto de estudo privilegiado, só ganha sentido, ou ganha sentido mais profundo, quando estudado em con-

fronto com outras realidades. Aliás, a promessa de abertura a outros países deste fecundo princípio comparatista e interdisciplinar surgida logo no ano passado, no primeiro desta série de colóquios, cujas comunicações e conclusões acabam de ser publicadas em *Social Sciences Information*, vol. 21, n.º 1 (1982). Tratará-se então de um tema mais geral — «Identidade Nacional e Expressões Culturais: Uma Comparação entre os Estados Unidos e o Brasil» —, cuja análise contribuirá já decisivamente, nas palavras da própria Viola Sachs, relatora das conclusões, para abrir perspectivas aliciantes de pesquisa comum, numa compreensão cada vez mais fértil das diferenças culturais entre os Estados Unidos e o Brasil.

Em Paris, em Março passado, estudiosos de aspectos diversos da realidade norte-americana (da Europa e dos Estados Unidos) e estudiosos (brasileiros) de diferentes aspectos da realidade brasileira, uns e outros, na maior parte dos casos, «puros» especialistas no seu campo respectivo, sentaram-se à volta de uma mesa para discutir a miscegenação e o racismo na cultura dos dois países, com base num feixe de teses, ideias ou meras sugestões, apresentadas pelos dois oradores principais do colóquio: o especialista de Literatura Americana Daniel Aaron (da Universidade de Harvard), que apresentou uma comunicação intitulada «'An Inky Curse': Some Reflections on the Theme of Miscegenation in the American Literary Imagination»; e o antropólogo brasileiro Renato Ortiz (da Universidade de Minas Gerais), que falou de «O Estado, a Identidade Nacional e a Cultura Popular no Brasil». Em ambos os casos se tratou de apresentar, embora a partir de pressupostos diferentes, as construções ideológicas da «resolução» do problema do racismo, predominante em cada um dos países. Ao longo dos debates que se seguiram — no desvendar ou reafirmar de algumas das mais ricas e sugestivas diferenças e semelhanças culturais entre as duas ex-colónias, sem que tenha sido esquecida a importância da influência dos Estados Unidos no Brasil em tempos recentes (nomeadamente em termos de um imperialismo cultural) — a conclusão óbvia ia-se desenhando na indesmentível fertilidade do método comparativo e interdisciplinar. Diga-se, a título de exemplo, que a distinção entre *direitos públicos* e *intimidade social*, avançada por Daniel Aaron para a compreensão da «ambiguidade» dos primeiros abolicionistas americanos (e de muitos intelectuais ainda hoje nos Estados Unidos), foi interessante ponto de reflexão sobre as tensões raciais mais subtis, detectáveis no seio mesmo do mito da multiplicidade harmónica, ou da variedade una, da identidade brasileira.

Para os estudantes portugueses de cultura(s), ou cientistas sociais no mais amplo sentido do termo, o exemplo destes colóquios da Universidade de Paris VIII deverá ser particularmente estimulante: no momento em que — graças à corajosa abertura científica do Núcleo de Ciências Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, responsável pela *Revista Crítica de Ciências Sociais* — a tão falada (e desgraçadamente tão mal entendida) interdisciplinaridade começa a esboçar a promessa de autênticos estudos comparados entre nós, esforços como o desta americanista em Paris não podem passar despercebidos no nosso país. Tanto mais que a formação lusófona de Viola Sachs e o seu consequente interesse por culturas de expressão portuguesa a tornam interlocutora privilegiada dos americanistas portugueses.

Pelo que diz estritamente respeito ao desenvolvimento em Portugal dos Estudos Americanos — por natureza e (impossibilidade de) definição a mais esquiva das «disciplinas» e a que mais beneficiará do contacto intercultural — seria insensato ignorar o trabalho importante que está a ser feito noutros países da Europa. A relação cultural e científica entre Portugal e os Estados Unidos passa necessariamente pelo que de mais ousado e inovador a Americanística europeia tem para nos oferecer. De resto, é por aí que passa também a relação dos Estados Unidos com eles próprios.

*Maria Irene Ramalho de Sousa Santos*